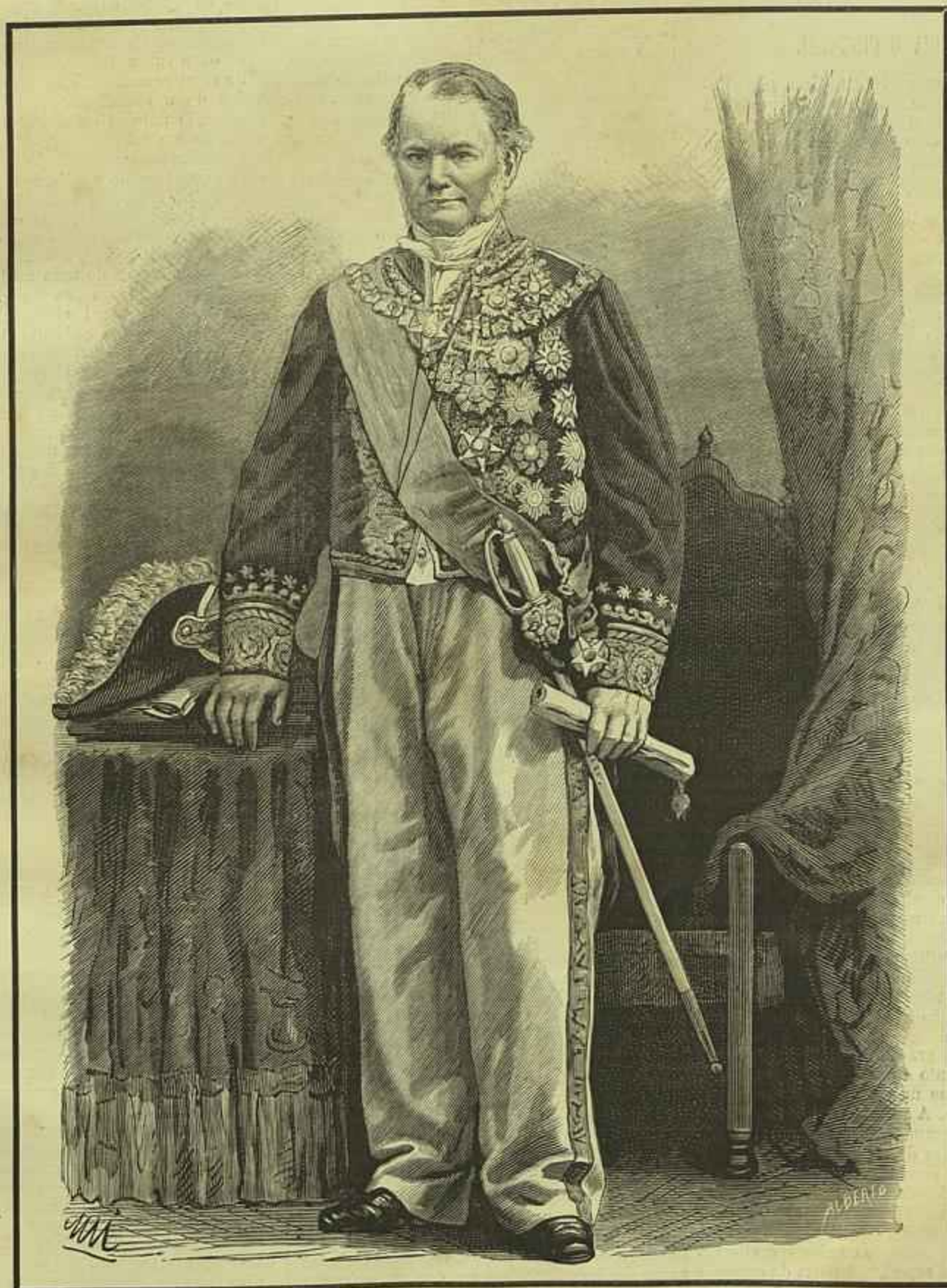


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trin.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 86	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	20 n.ºs	10 n.ºs	6 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8120	11 DE MAIO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 23.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		



DUQUE D'AVILA E DE BOLAMA — Fallecido no dia 3 de corrente (segundo uma photographia de Filles)

SUMMARIO

TEXTOS. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — Duque d'Avila e de Bolama, BRITO REBELLO — Emilio de Girardin, G. L. — Visconde de Paço d'Arcoos, G. L. — AS NOSSAS GRAVURAS — A villa de Quillimane, AUGUSTO DE CASTILHO — Viagem dos sr. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Congresso Anthropologico e Literario, Trabalhos dos Congressos, R. — Miguel Angelo de Santo Thirso, ALBERTO BRAGA — Publicações.

GRAVURAS. — Duque d'Avila e de Bolama — Emilio de Girardin — Visconde de Paço d'Arcoos, novo governador geral de Moçambique — Lourenço Marques, Igreja em construção — Exposição da Sociedade promotora de Bellas-Artes em Portugal, em 1880, Uma dama allemã do seculo XVI, quadro de A. Keil, pertencente a S. M. El-Rei D. Luiz — Quillimane, residencia do governo — Os nihilistas assassinos do czar Alexandre II — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A semana foi assignalada por um triste facto lugubre, que de ha muito se previa: a morte do sr. duque d'Avila e Bolama.

Os medicos notavam já como um phenomeno estranho a prolongação da agonia do illustre doente. Luctou energicamente contra a morte, com uma forte vitalidade, que não seria facil de prever n'aquella idade e com aquella doença.

Por fim, na terça-feira 3, ás nove horas da noite, correu mais uma vez na cidade a noticia da sua morte.

Ha mais de quinze dias que essa noticia apparecia regularmente, ao anoitecer, pela porta da Havaneza, pelas salas do Gremio e pelas mezas do Martinho.

N'essa noite, porém, não aconteceu como das outras vezes, não foi desmentida.

No dia immediato, ao amanhecer, os jornaes publicaram extensas biographias, que ha muito espervam nos seus componedores o momento de passar á fôrma do jornal.

D'esta vez era certo, o sr. duque d'Avila tinha morrido.

A morte do sr. duque deixa um grande vacuo na politica portugueza. Esta phrase costuma estar composta, como as fôrmas dos convites de enterro, e quando morre qualquer pessoa que fez o seu bocadinho de ruido n'este mundo, onde é tão facil fazer bulha, applica-se logo sobre o jornal, como uma pázada de terra sobre o cadaver.

A respeito do sr. duque d'Avila, a phrase é perfeitamente verdadeira. Quando qualquer partido estava no poder, toda a gente sabia qual o ministerio que o substituiria, apenas elle caísse: — era o ministerio avilista. Hoje toda a gente pergunta quem virá occupar esse logar de reticencias na politica portugueza. E' difficil de prever.

O sr. duque d'Avila tinha, pela auctoridade do seu nome e da sua posição, pela honradez proverbial do seu caracter leal, a confiança de todos os partidos combatentes, que lhe facilitavam o advento ao poder, para descansarem — descansados — das luctas politicas.

Esse logar, de ministerio de transição, está vago hoje. Quem o occupará? Pertence aos politicos resolvel-o; nós, felizmente, como simples espectadores, não temos inteiramente nada com isso.

— O enterro do sr. duque d'Avila foi um grande acontecimento em Lisboa. Nunca pensámos que houvesse na cidade tantas carruagens e tanta gente. A população parece ter-se dividido em dois grandes grupos: um que fazia de prestito, outro de espectador.

As ruas desde a igreja dos Martyres, onde se resaram os officios funebres, até ao cemiterio dos Prazeres, estavam apinhadas de gente; o prestito era tão grande, que já algumas carruagens paravam á porta do cemiterio e ainda o coche da casa real esperava á porta da igreja pelo corpo.

A cidade prestou assim a sua ultima home-

nagem a esse velho respeitavel, que soube elevar-se, pelo trabalho persistente e feliz, da obscuridade do seu nascimento ás eminencias do poder, e que se não foi um politico notavel que marcase epoca na historia do seu paiz, foi um cidadão prestante, que caracterizou a sua longa vida publica por duas qualidades raras e grandes — a lealdade e a honradez.

— Ao mesmo tempo que Lisboa pagava a triste divida de um funeral enorme, Coimbra abria um grande parenthesis na sensoria portugueza, com as suas festas a Camões.

Os jornaes tem enchido as suas columnas com as descripções d'essas festas a que não-assistimos, mas a que devem ter dado um encanto phantastico, o entusiasmo da mocidade e o pittoresco de Coimbra, a alma da Universidade e as aguas do Mondego. Mais tarde trataremos d'este assumpto como dissemos.

— Outro dia, quando, concluindo a minha chronica, noticiava a chegava da Primavera, enganava-me redondamente.

Quem chegou não foi a primavera, foi o verão. E' elle que está cá, conhece-se facilmente pelas brazas que entorna sobre a cidade e pelos sorvetes que se consomem no Martinho.

A primavera este anno não appareceu, zangou-se com as troças que lhe faziam os realistas e os satanicos, e deixou-se ficar em casa.

Era uma vez a *brisa fagueira*, que tantas vezes soprou as teclas de marfim dos pianos da baixa; a brisa agora só sabe gelar ou escaldar, acariciando, de uma maneira imbecil, a cultura da pneumonia e da variola.

A variola passou a ser a *toilette* de verão mais usada em Lisboa, E' a moda, uma moda ao alcance, infelizmente, de todas as pelles.

D'antes, quando vinha o verão, os ricos tinham a sua casa de campo, era o bom tom. Hoje o bom tom transformou-se e generalizou-se com uma fraternidade democratica, e em vez de alguns terem casa de campo, tem todos hexigas.

O assumpto é grave e pede promptas e energeticas providencias. O mal, porém, é este, pedir o que nunca em Portugal se costuma dar.

— Os theatros comprehendem que se aproxima a sua ultima hora, e não tentam reagir.

O theatro do Gymnasio faz as suas malas para ir, não para o outro mundo, mas para o Porto, e despede-se da estação com uma noite de festa, a beneficio do grande actor Tabora, e com um drama que lhe deu já em tempo muito dinheiro, *O Saltimbanco*.

No beneficio de Tabora, o Gymnasio apresentou tres comedias novas — Uma, *As Surpresas* é uma estreia litteraria, a estreia d'um rapaz intelligente e trabalhador, o sr. Eduardo Schwalbach, que faz as suas primeiras armas litterarias e theatraes ao mesmo tempo. *As Surpresas* é uma comedia graciosa, delicada, pequena, que se ouve sem enfado e que se applaude sem favor.

Outra, *Os banhos do mar* é uma *pochade* burlesca, um disparate grotesco, escripto a correr e em hora pouco feliz, e em que Tabora e Antonio Pedro, dois dos nossos primeiros comicos nem sempre conseguem fazer rir.

A terceira peça *Nel mundo de los espiritos* tem muita graça, mas um genero de graça que o nosso publico e os nossos actores comprehendem pouco, a graça *bête* que precisa ser muito bem dita e muito bem comprehendida para fazer rir.

— A Trindade, deu uma festa extraordinaria, logo atraz d'uma festa de orago da casa, o beneficio do actor Santos depois do beneficio do actor Augusto.

O actor Augusto foi muito applaudido e festejado como é sempre.

Santos teve essa enorme ovação que o acompanha desde os primeiros passos na scena, e que não o abandonou nem mesmo depois da extraordinaria desgraça que o procurou a elle para ferir a arte portugueza.

— Mas francamente o tempo já não está para theatros: abafa-se lá dentro, sobre tudo n'estas noites de festas celebres em que as enchentes nem sequer deixam os braços livres para applaudir. No theatro asphixia-se é verdade que

cá fóra acontece o mesmo. E o que acontecerá em Madrid, onde ao calor madrileno do verão, se junta o calor do entusiasmo por *Calderon de la Barca*?

Felizes d'aquelles que o puderem saber por experiencia propria.

GERVASIO LOBATO.

DUQUE D'AVILA E DE BOLAMA

I

Ha uns penedos no meio do Oceano, como que semeados ao acaso, que as ondas buliçosas do mar, ora afagam e abraçam meigas e serenas, ora açoitam e combatem furiosas e desapiedadas parecendo querel-os pulverizar.

Esses penedos, distanciados entre si irregularmente por algumas leguas, e de perimetro mais ou menos extenso, erguem as cabeças com soberana altivez acima do dorso das aguas, agigantando-se em partes a topetar com as nuvens ou a rasgar-lhes o seio.

Se esses penedos são os pinacros mais elevados de um antigo continente, submergido pela acção natural e lenta do tempo, ou por efeito de um cataclismo repentino, de que ha vagas allusões nas tradições da antiguidade; se irromperam do seio das vagas, por algumas d'estas irrupções vulcanicas, que tão frequentes tem sido na longa e constante gestação geognostica do nosso globo, não se póde ainda, nem se poderá talvez nunca constatar.

Vestigios largos de uma ancianissima acção vulcanica patente a sua superficie enrugada, documentos de igual elaboração permanente e constante surgem cada dia das suas entranhas; e comtudo esses phenomenos, semelhantes aos de outras partes da terra, e comtudo esses penedos, em numero consideravel, parece não terem sido vistos por olhos humanos durante muitos milhares de milhares de seculos.

Um dia uma pequena nação do occidente da Europa, tendo chegado á sua idade viril, e precisando cumprir o destino providencial que a sua posição occidua e maritima lhe traçava, não obstante os terrores que uma idade de obscurantismo, mas de pujantissima imaginação povoava os mares desconhecidos, começou a romper o seio das ondas com as suas fragéis caravellas.

Vendo desaparecer deante das suas proas as trevas de um mar phantastico, observando em todas as latitudes o sol a espelhar-se, as estrellas a retratarem-se nas vagas; animados pelo incitamento e impulso de um principe ousado e pensador, devassando o Oceano em todos os rumos, encontraram os seus navegantes com esses penedos, cujo seio uberrimo lhes sorriu com uma vegetação potente.

O infante D. Henrique reconhecendo n'esses penedos um ponto de apoio para tentativas de descobrimentos futuros, cuidou por todos modos de crear ali, alguns centros de povoação. Desde então foram aproveitados para a civilização mais alguns pedaços de terra, e Portugal juntou á sua corôa mais duas perolas magnificas: os archipelagos da Madeira e dos Açores.

Em breve de varias partes da Europa, da Italia, da França, da Allemanha, da Flandres, da Inglaterra, concorreram alli, animados por concessões e privilegios convidativos, uma numerosa pleiade de intelligentes aventureiros, que vieram robustecer e accrescentar as nascentes povoações com os seus cabedades, familias e adherentes.

Disse um illustre filho dos Açores, o sr. dr. Manuel d'Arriaga, no discurso com que abriu a festa de caridade no salão da Trindade a 23 de março d'este anno, — os homens que nascem sobre aquelles penedos, nascem livres e jámais podem ser cobardes.

A historia confirma a patriotica asserção do eloquente tribuno.

Era apenas decorrido seculo e meio desde o descobrimento dos Açores e a liberdade portugueza e a independencia da patria, assober-

badas no continente e calcadas pelos terços desapiadados do duque d'Alva, achavam couro, auxilio e vigoroso amparo nos peitos sinceros e nos braços rudes dos insulares creados pelo infante D. Henrique.

Eram já bastante robustas e numerosas as povoações insulanas para resistirem durante tres annos aos convites e offertas, ás ameaças e aos ataques de um inirigo cauto, astuto, perseverante e poderoso. Emquanto o pendão do prior do Crato fluctuava nas mãos de um homem intelligente, energico, sincero e singello a sua causa manteve-se segura, desde porém que tomou as redeas do governo um homem inhabil e enfatuado, embora sincero, a causa de D. Antonio e de Portugal ficou perdida.

O saque geral dado pelas tropas hespanholas em S. Miguel, no Fayal, e na ilha Terceira, onde até roubaram o relógio da casa da Camara e os moveis dos proprios, mas raros, partidarios de Philippe II, e os rigores e crueldades empregadas contra os parciais de D. Antonio, não impediram os insulanos de proclamarem D. João IV, á primeira noticia da sua exaltação ao throno portuguez.

Dois seculos e meio depois d'aquelle successo era ainda nos Açores que a liberdade portugueza achava refugio, e que um punhado de heroes mantinha desfraldado ao sopro do patriotismo o pendão constitucional, que nem as insidias, nem os fusis, nem os canhões absolutistas poderam nunca derrubar. D'alli partiram as hostes, na maior parte compostas de insulanos, que vieram trazer ao continente a queda da tyrannia, e a redempção do pensamento.

Alli é que é o verdadeiro seio, o verdadeiro berço da liberdade; é alli que ella, quando espezinhada ou vilipendiada no reino, se tem ido retemperar, haurindo das brisas acres do Oceano, do perfume agreste das florestas e recebendo do contacto do seu solo ardente e palpitante o calor, a força, a animação e a vida que lhe mingua nas extenuadas plagas continentaes.

II

Foi n'um pequeno penedo dos Açores, na ilha do Fayal que Antonio José d'Avila viu a luz do mundo em 1806, a 8 de março.

Teve por paes Manoel José d'Avila e sua mulher Pudenciana Joaquina, de condição humilde; Manuel José, porém tendo pelo seu trabalho adquirido razoaveis meios de fortuna, foi depois negociante matriculado da praça do Fayal.

Começando Antonio José a aprender os primeiros rudimentos das letras e dando signaes de muita intelligencia e applicação, teve seu pae a sensatez de o fazer seguir os estudos. Comquanto um pae future sempre a seus filhos um porvir esperançoso, de certo que ao simples operario açoriano não podia, sequer, vir á imaginação a altura a que ascenderia, no seu paiz, o seu pobre filho.

Taes provas deu de sua intelligencia, que aos quinze annos se matriculou na Universidade de Coimbra, e o que mais admira, na faculdade que menos futuro, ainda hoje, proporciona, a de philosophia.

Como se vê, foi para Coimbra quando o systema liberal, implantado de fresco, parecia inaugurar no paiz uma nova era, abrindo aos filhos do povo as portas do saber, e a arena da vida publica.

Resoava então por toda a parte o echo fascinante dos grandes nomes de Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Ferreira Borges, Sepulveda, etc., e o joven açoriano transportado de novo para o foco da vida litteraria do paiz, sentiu na sua alma expandir-se a liberdade, ingenua nos filhos do seu abençoado torrão.

Sem interrupção de curso tomou bacharel em philosophia, e logo em 1821, com vinte annos de idade apenas, voltava á patria nomeado professor de uma cadeira de ideologia.

Tinha visto as tentativas reaccionarias que em 1823 haviam abafado as aspirações liberaes, e chegando aos seus lares começou um

curso e conferencias publicas, que muito levantaram o credito da sua intelligencia.

Em breve sorria o sol da liberdade de novo sobre o horizonte da patria, Antonio José d'Avila, porém, liberal convicto, mas moderado e sem azedume, poudo gozar esse tenue lampejo de dois annos de modo, que os tempos terrificos e calamitosos que depois tanto enlutaram o paiz desde 1828 a 1833, não o fizeram soffrir como a tantos outros.

Verdade é que nos Açores os raios de Lisboa não vibravam tão rijo, nem feriam tão ardentemente. Quando atravessavam o Oceano ao chegar áquelles penedos levavam como que metade da força perdida. Era já influencia do meio.

O estudo da philosophia, levando-o a pensar sobre as duas theorias politicas, que então se debatiam no campo dos factos, fizeram-no dedicar as suas lucubrações ás sciencias economicas, base verdadeira de todo o bom systema politico.

Quando foi occasião oportuna de entrar na arena, apresentou-se nella verdadeiramente preparado.

Logo que D. Pedro sahio da indifferença e inação em que se conservava a respeito dos negocios de Portugal, excitado pelas energicas representações de José Antonio Guerreiro, e veio na Ilha Terceira tomar a direcção da sua causa, que era a do partido liberal, foi-se rapidamente estabelecendo nas diversas ilhas dos Açores o systema constitucional, já um pouco implantado, pela acção, menos poderosa da Regencia.

Nas primeiras eleições municipaes tinha sido Antonio José d'Avila eleito presidente da Camara Municipal da Horta, villa principal (depois cidade) do Fayal, em 1831. Logo que tomou posse do seu cargo dirigiu um notavel manifesto á rainha, no qual se mencionam as mais importantes necessidades que reclamavam urgente reforma.

No anno seguinte, 1832, foi por D. Pedro, já nos Açores nomeado provedor do seu concelho natal. Em 1833 foi elevado a sub-prefeito para o districto de S. Miguel, onde, apesar das reflexões de algumas pessoas cordatas e conhecedoras da terra, tentou desembarcar, mas o estado de excitação dos espiritos, e as demonstrações pouco gratas dos michaelenses, levaram-no a desistir do seu intento, reembarcando e vindo de novo apresentar-se a D. Pedro.

(Continua)

BRITO REBELLO.

EMILIO DE GIRARDIN

A França acaba de perder um dos seus publicistas mais notaveis e illustres. Emilio de Girardin foi o jornalista por excellencia, a incarnação do jornalismo moderno o homem da lucta, do combate e da victoria. A sua vida illustre accidentada, cheia de peripecias, de commoções, de batalhas heroicas, é impossivel de reproduzir, nem sequer nas suas principaes linhas, no pequeno espaço de que podemos dispor.

O seu primeiro livro, *Emilio* que fez tão grande sensação na França litteraria, e a que Julio Janin chamou simplesmente uma obra prima, é a historia da sua infancia, das amarguras, das trevas, das luctas da sua mocidade, contada com raro desasombro e coragem.

Emilio de Girardin filho natural do general conde Alexandre de Girardin, e de Adelaide Marie Fagnan, casada com um magistrado de appellido Dupuy, nasceu em 22 de junho de 1806. No assento do seu baptismo foi falsamente inscripto com o nome de Emilio de Lamothe filho de pae incognito e da sr.^a Lamothe, costureira, solteira, filha do sr. Lamothe, morador em Mana, personagens completamente imaginarios e inventados para arredar toda e qualquer suspeita de sobre a verdadeira mãe.

Nascido a 22 de junho, Emilio de Girardin encontra na sua vida esta data e este mez muitas vezes com uma insistencia singular. E justamente em 22 de junho de 1834, que apparece na vida politica sendo eleito deputado por Bourgneuf; é em 22 de junho de 1848 que elle escreve esta prophacia memoravel: «A Presidencia com o ordenado de 600 mil francos é o escolhido em que ha de sussobrar a republica de Fevereiro»; é em 22 de junho de 1833 que tem a sua primeira entrevista politica com Thiers; é em 22 de junho de 1850 que publica as suas cartas sobre a *abolición da miseria*; é em junho de 1831 que casa com Delphina Gay, em junho de 1855 que a perde, é em junho de 1850 que o povo do departamento do Baixo-Reno o nomeia seu representante.

De 1806 a 1814, Emilio foi tratado com os mais extremos carinhos por seu pae e por sua mãe, mas em 1814, seu pae o conde de Girardin casou; sua mãe re-

ceiosa de que o pequeno Emilio se lembrasse um dia de reclamar os seus direitos de filho, afasta-se d'elle, e as torturas e a solidão, e as provações começaram para o pobre creança.

Sosinho, entregue a si, ás recordações d'aquelle homem e d'aquella mulher que o acariciavam nos primeiros annos da sua infancia Emilio de Lamothe, conseqe, graças á protecção da viscondessa de Senones entrar na secretaria da casa real, d'onde sae para secretario do visconde.

Em 1826, Emilio, com vinte annos de idade, desamparado por seus paes pensa em seguir a carreira militar, mas a inspecção dá-o por incapaz para o servico. Foi então que lhe veio á idéa de escrever a sua autobiographia, sob a forma de romance, como o *Rend* e o *Adolphe*, escreveu o *Emilio* que tem um grande successo e que o começa a pôr em voga.

Pouco depois, no dia em que completa 21 annos, Emilio de Lamothe, deixa resolutamente o seu appellido de empréstimo e assigna-se pela primeira vez Emilio de Girardin, esse nome que havia de ter tanto echo e tanta celebridade em todo o mundo litterario.

Em 5 de abril do anno seguinte Girardin começa a vida jornalística fundando com Latour-Mezaray o jornal o *Voleur* e no outro anno, a *Moda*, publicação patrocinada pela duquesa de Berry.

Em 1831 Girardin casa com Delphina Gay, filha de Sophia Gay, destinada a ser a doce e boa companheira dos seus melhores annos, e a dar um grande brilho ao seu nome, com as obras notaveis que a collocam entre os mais espirituosos escriptores da França contemporanea, a *Cleopatra*, *Lady Tartufe*, a deliciosa comedia *La joie fait peur*, *Marguerite* e as *Lettres parisiennes* do visconde de Lauzun que fizeram época.

Em 1834 eleito deputado vê Girardin d'ali a tres annos a sua eleição invalidada pela allegação de que não é francez, mas sim suizo.

Então seu pae o conde de Girardin entreveiu na verificação dos poderes e declara particularmente a commissão do que Emilio é seu filho e é francez.

Entretanto a chicana da nacionalidade continua a perseguir-o e em 1839 a sua reeleição é novamente annullada sob o mesmo pretexto.

No 1.^o de julho de 1836 Girardin lança o seu primeiro numero do seu jornal *la Presse*, um jornal relativamente barato, por metade do preço dos outros existentes. O novo jornal levanta grandes rivalidades e odios, e provoca o duello entre Girardin e Armand Carral, redactor do *National*. Esse duello, o quarto de Girardin, acabou tragicamente. Girardin recebeu uma lala n'uma perna, mas matou o seu adversario com uma lala no peito. No espirito do grande publicista fez profunda e eterna impressão essa morte e d'ali em diante Girardin nunca mais se lateu e passou a combater energicamente, sem trégua o duello.

Viuvo em 1835, Emilio de Girardin então já um dos primeiros nomes de França, tornou a casar em 1856 com a filha da condessa de Piefenback, e do príncipe de Nassau, de quem teve uma filha que adorava e que lhe morreu aos 6 annos com uma angina.

A obra de Emilio de Girardin é colossal — como jornalista, como politico, como romancista, como auctor dramático, Girardin teve uma poderosa individualidade, e uma grande influencia sobre a sociedade do seu tempo.

É conhecida de todos a sua vehemente polemica com Dumas filho acerca do *Supplicio d'uma mulher* esse drama intimo, conciso, logico, arrojado que fez grande sensação em França.

Girardin no theatro, como no romance, no livro, no jornal queria sempre evangelisar, visava sempre ao mesmo fim philosophico e moral.

Luctador infatigavel, robusto, vigoroso, só estava bem no meio das realidades batalhas do jornalismo, e do pamphleto. Neste genero foi um dos primeiros do seu tempo e o seu livro *Questions de un temps* é uma verdadeira obra prima de polemica, e de discussão.

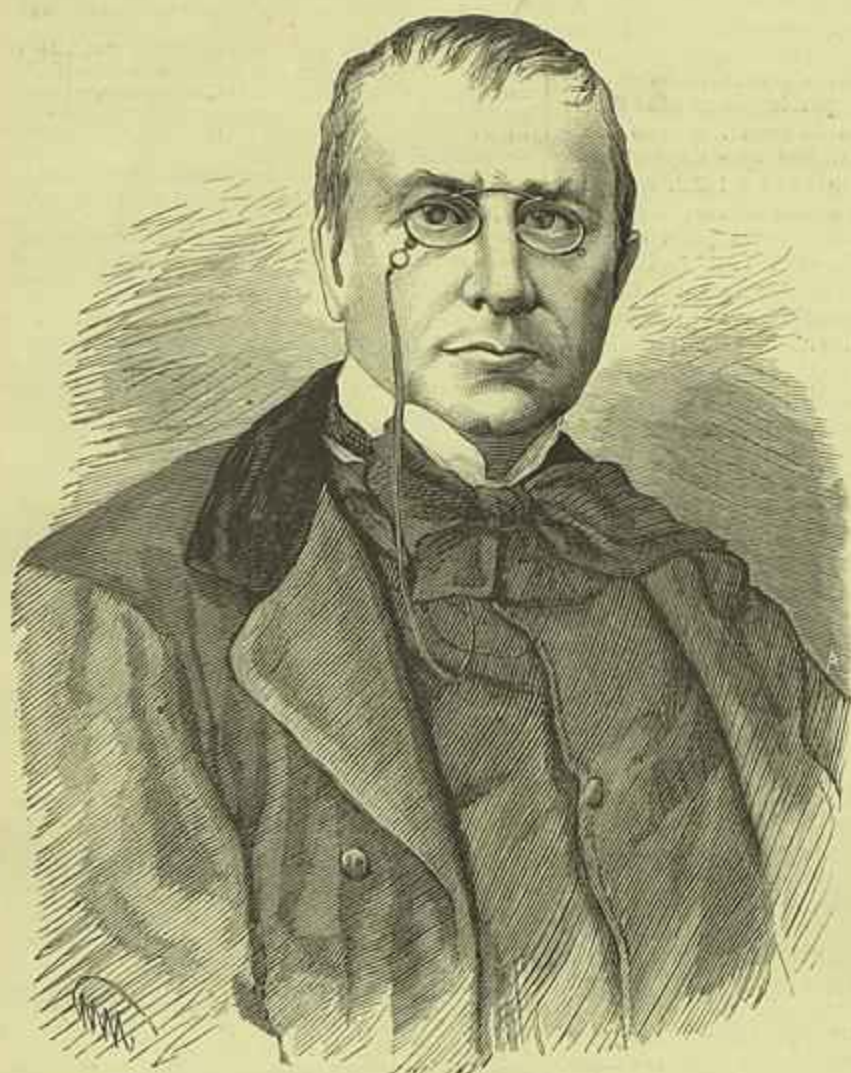
Durante muito tempo o seu papel na politica foi um papel de conciliação, que como todos os papéis de conciliação o poz mal com os dois partidos entre os quizes se collocára, e lhe deu logar a rudes e permanentes combates.

Ultimamente, apesar de velho, não perdendo a sua energia, os seus habitos de trabalho, de madrugador e de polemista vehemente, tomou parte proeminente na guerra no gabinete Broglie e Fortou, e os artigos brilhantissimos que publicou na *France*, de que era director, contribuíram largamente para a queda do ministério e valeram-lhe a sua nomeação de deputado pelo nono arredondamento de Paris em substituição do sr. Grevy chamado á presidencia da Republica.

Por fim esse homem que apesar dos seus 75 annos estava ainda vigoroso, forte, robusto, trabalhando com a energia com que trabalhara nos melhores annos da sua vida, foi atacado dez dias antes de morrer, ao saber do Gymnasio d'uma hemiplegia. Ao principio cuidou-se que era apenas um ataque de rheumatismo. O seu medico, e seu amigo o dr. Hellairat, chamado a vê-lo, achou-o logo muito grave. Entretanto as melhoras viram e ao cabo de oito dias Girardin já trabalhava no seu quarto com os redactores da *France*, e só esperava por um dia de sol para sair. Ao oitavo dia o ataque repetiu terível e paralisou-lhe a pharynge. Girardin comprehendeu que estava perdido e d'ahi a momentos já não podia dizer senão, não ou sim. De noite teve um segundo de alivio, mas a esse alivio succedeu o estertor, um estertor medonho, que se ouvia na escada e que o fazia soffrir tanto que eram necessarios quatro homens para o terem na cama. Por fim as forças foram-se-lhe e Girardin cahiu em profunda prostração mas conservando a mais completa lucidez. As suas ultimas palavras foram estas ao seu porteiro que lhe perguntava se queria alguma cousa: «Deixa-me, vou morrer.»

O cadaver do grande publicista francez repousa hoje no cemiterio de Montmartre ao lado do de sua primeira mulher a celebre madame de Girardin.

G. L.

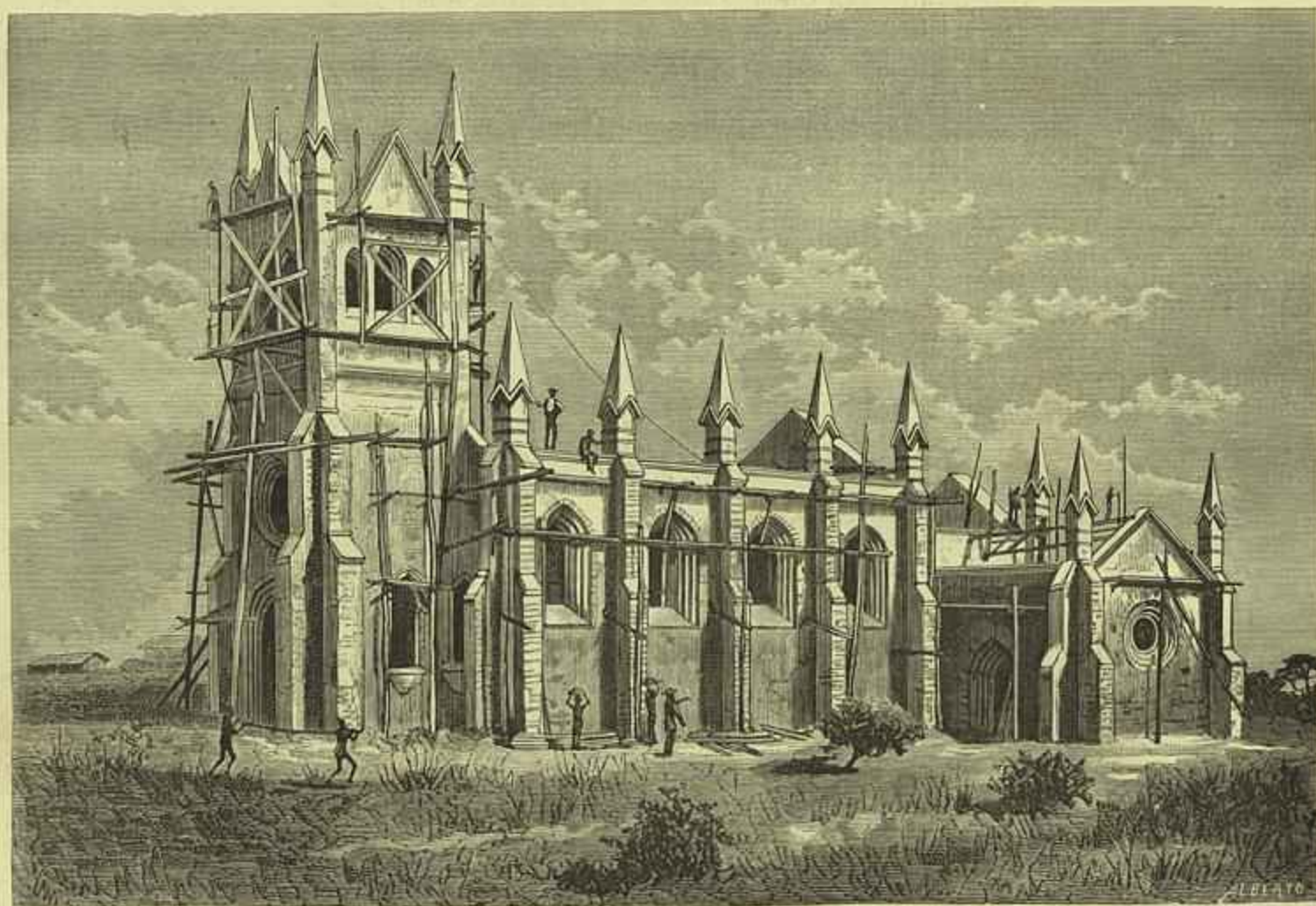


EMILIO DE GIRARDIN — Fallecido em 28 de Abril de 1881 (Segundo uma photographia)



VISCONDE DE PAÇO D'ARCOS — Novo Governador Geral de Moçambique
(Segundo uma photographia de Loureiro)

AFRICA PORTUGUEZA



LOURENÇO MARQUES — EGREJA EM CONSTRUÇÃO (Segundo uma photographia)

O VISCONDE DE PAÇO D'ARCOS

Governador geral de Moçambique

O novo governador geral de Moçambique, o sr. Carlos Eugénio Correia da Silva, primeiro visconde de Paço d'Arcos, é um dos mais brmosos, mais valentes e mais distinctos officios da marinha portugueza. Nascido aos 17 de dezembro de 1831 em Lisboa, filho de João José de Assumpção e Silva, pertencente a uma honrada familia de commerciantes da Covilhã, e do D. Jesuina Amalia Correia d'Almeida, descendente de uma familia distincta do Oeiras, Carlos Eugénio, impellido desde pequeno por uma grande vocação pela vida do mar, sentou praça aos 11 annos como aspirante de marinha, 30 de outubro de 1845. Em 1852, tendo concluido os seus estudos, embarcou pela primeira vez, ainda como aspirante, a bordo da corveta *Porto*, sob o commando do sr. José Bernardo da Silva, e fez o cruzeiro dos Açores. Promovido a guarda marinha em 4 de outubro de 1853, foi collocado a bordo da corveta *D. João I*, commandada pelo sr. Carlos Craveiro Lopes, e seguiu logo a fazer a estação naval na China.

A sua aptidão tornou-se rapidamente tão notavel, que o governador de Macau encarregou-o, apesar da sua pouca idade e pequena patente, do commando da escuna *Venus*, onde prestou relevantes serviços e deu provas de arrojada valentia no arriscado serviço de vigia da barra do porto interior de Macau.

Quando a *D. João* teve ordem de partir para o norte do Celeste Imperio, em perigosa commissão diplomatico-guerreira, Carlos Eugénio deixou o commando da *Venus* e retomou o seu logar na guarnição da *D. João*, indo assistir e tomar parte nos combates de 1854 no rio de Mingpo. A maneira como se portou n'essas luctas valeu-lhe o elogio do governador de Macau e o seu nome ser citado com louvor na camara dos deputados, pelo ministro da marinha, que era então o visconde de Athouguia.

Promovido a segundo tenente, Carlos Eugénio, a bordo do vapor *Infante D. Luiz*, da *Sagres*, da *Bartholomeu Dias*, da *Martinho de Mello*, deu novas provas da sua aptidão e da sua coragem, soffrendo com rara energia os azares da vida maritima.

Em 1862, tendo já firmados os seus creditos de official distincto, Carlos Eugénio começou a sua carreira notavel de commando, pela escuna *Napier*, commando tão notavel que mereceu o habito da Torre Espada.

De viagem a S. João Baptista de Ajuda, o valente official de marinha fez um curioso livro, que foi muito lido e que lhe deu foros de escriptor apreciavel. A sua carreira de marinha, tão brilhantemente encetada, foi continuada com igual brilho e valor, e n'ella conquistou o habito de Aviz, da Conceição, do Carlos III e a commenda de Christo.

Em 1874 Carlos Eugénio apresentou-se candidato a deputado por Angola, mas perdeu a sua eleição. Em 1876 foi eleito por Timor, tomando assento na camara onde prestou relevantes serviços na commissão de marinha.

Em 20 de outubro do mesmo anno, Carlos Eugénio foi nomeado governador de Macau, sendo promovido a capitão de fragata e recebendo a carta de conselheiro.

Em 1876, antes de partir para Macau, Carlos Eugénio agraciado, havia pouco, com o titulo de visconde de Paço d'Arcos, casou com a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia de Castro Monteiro, da familia dos condes de Castro, de quem tem hoje dois filhos, de que é pai extremosissimo.

Demittido em 1879 do governo de Macau, o visconde de Paço d'Arcos, foi agora, nomeado governador geral de Moçambique, e por consequente promovido a capitão de mar e guerra.

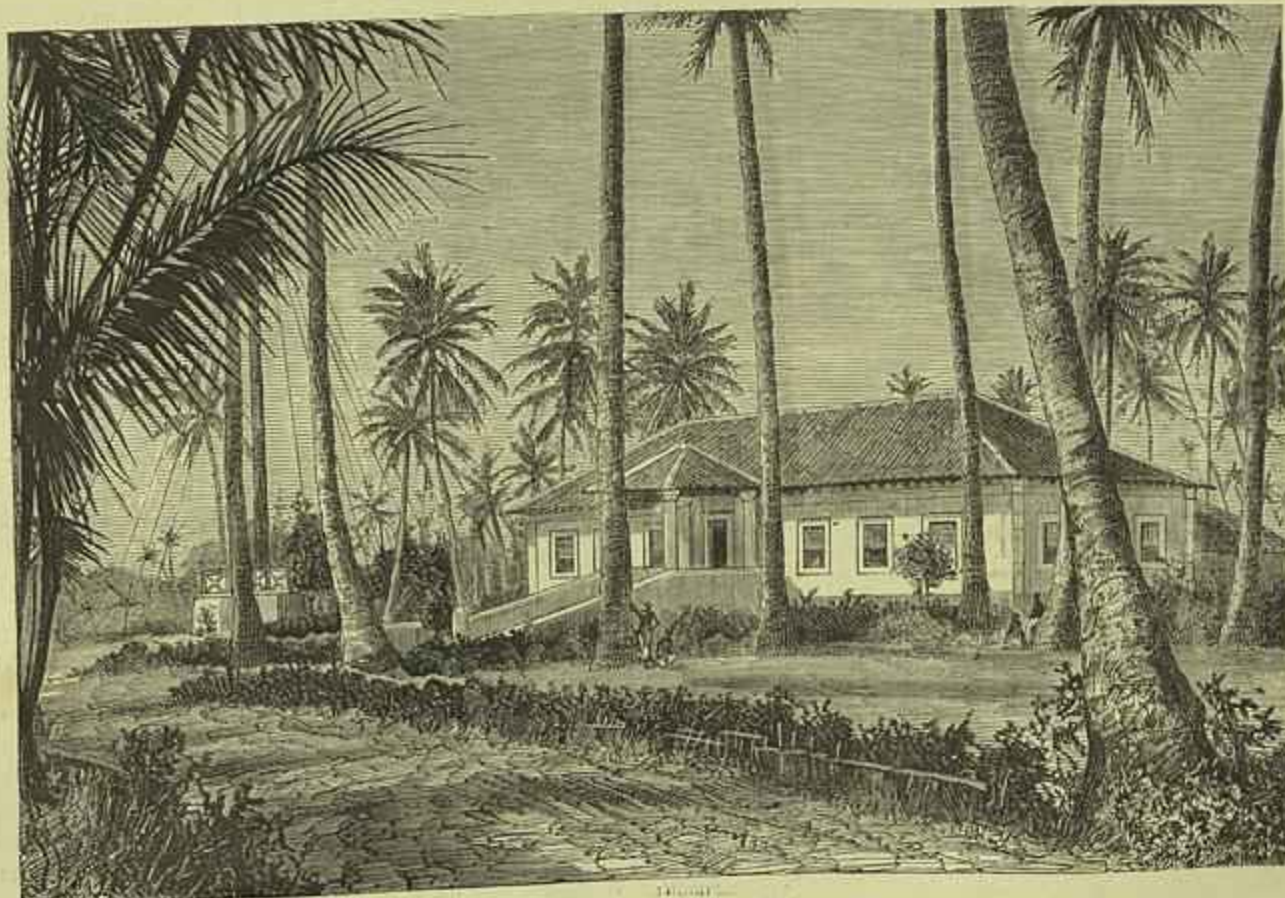
O visconde de Paço d'Arcos é um marinheiro valente, um administrador eneri-

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



UMA DAMA ALLEMÃ DO SEculo XVI — Quadro de A. Kell, pertencente a S. M. El-Rei D. Luiz

AFRICA PORTUGUEZA



QUILIMANE — RESIDENCIA DO GOVERNO (Segundo uma photographia)

co e habil, um character nobre e honrado, um espirito intelligente e illustrado, e um cavalheiro amabilissimo e do mais fino trato.

Da sua intelligencia, dos seus vastos conhecimentos e da sua energia tem muito a esperar as nossas colonias africanas.

G. L.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DE LOURENÇO MARQUES

A gravura que hoje publicamos representa o estado em que se achava a construção da igreja de Lourenço Marques em fevereiro ultimo.

Este templo, principiado a edificar em 1879, está situado n'um local elevado, fazendo parte da area destinada á nova cidade, sobranceira ao porto e á antiga povoação, n'um terreno comprehendido entre a estrada da Ponta Vermelha e a rua do conselheiro Costa e Silva.

É um edificio elegante, de uma architectura acentuadamente religiosa, vasto em relação á população actual, e portanto accommodado ás grandes e justas aspirações dos que tem fé no rapido progresso de Lourenço Marques, localidade que está fadada para ser uma das maiores cidades da Africa do Sul, e um centro commercial de primeira ordem.

Foi projectado pelo tenente de engenharia João Antonio Ferreira Maia, quando chefe da 3.^a secção das Obras Publicas da provincia de Moçambique; e a sua construção foi dirigida por aquelle distincto engenheiro até fins de 1879 e depois pelo habil conductor Jeremias Whelhouse que na execução dos trabalhos em que tem superintendido no districto de Lourenço Marques tem sabido sustentar os seus creditos de funcionario intelligente e dedicado ao serviço.

Muito pouco faltava para se concluir esta igreja; mais dois ou tres mezes de trabalho e Lourenço Marques possuiria enfim um melhoramento que tem sido tão instantaneamente reclamado.

A fatalidade porém, que desde muito persegue as colonias portuguezas, e que segundo parece cada vez mais pesa sobre ellas, não consentio que se levasse a cabo uma tão util e civilisadora construção.

Quando já todos os habitantes d'aq-uel-

la colonia pensavam entusiasticamente na brilhante fest que preparavam para a inauguração da nova igreja, uma ordem do governador geral, fundamentada na absoluta falta de dinheiro, manda interromper todas as obras publicas em execução na provincia!

Operarios e empregados ali veem em viagem para Lisboa, deixando incompletos muitos edificios a que pouco faltava para serem concluidos, que nenhuma utilidade prestam no serviço publico no estado em que se acham.

E consentir-se-ha que fiquem inutilizados tantos esforços, tanto trabalho, tanta dedicação, que se perca a maior parte do dinheiro consumido nos ultimos 4 annos com as obras publicas da provincia de Moçambique?

Confiamos que o sr. ministro da marinha, um homem novo, intelligente e cheio de fé, não cruzará os braços, e deixará a cabeça perante o máo mestre que pressegue a nossa administração colonial.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

UMA DAMA ALLEMÃ DO SECULO XVI

Quadro de A. Keil

O quadro do sr. Alfredo Keil de que damos hoje a gravura é um dos melhores do distincto pintor, e ao mesmo tempo um dos quadros mais notaveis que figuraram na ultima exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes.

O assumpto é muito simples, mas está tratado com muita verdade e singeleza. Uma dama allemã do seculo XVI sae da igreja onde esteve em oração. No seu rosto, na sua attitudão ha ainda o recolhimento da proce, o livro das rezas vem fechado nas suas mãos nuas; as luvas foram tiradas em signal de respeitosa humildade.

O desenho é correcto, a figura está bem pintada, e sustenta os bons creditos do seu auctor.

S. M. el-rei D. Luiz comprou este quadro que hoje faz parte da magnifica galeria real da Ajuda.

OS NIHILISTAS ASSASSINOS DO CZAR ALEXANDRE II

No dia 7 de abril começou em S. Petersburgo o julgamento dos nihilistas presos por terem tomado directa ou indirectamente parte no assassinato do imperador Alexandre II. O julgamento terminou no dia 10. Todos os accusados tiveram advogado excepto Jelaboff que se defendeu a si mesmo. No dia 15 ás nove horas e cinco minutos na praça Simeão cinco dos reus foram enforcados, ficando a execução da Hessy Helfmann adiado para quando desse á luz o filho que tem no ventre. Diz-se que a czarina pediu a seu marido a commutação da pena da desgraçada india e que Alexandre III lh'a prometteu.

A nossa gravura representa os seis accusados durante o julgamento. Vamos dar rapida noticia de cada um d'elles.

NICOLAU RISAKOFF. — Desenove annos, baixo, louro, imberbe, vestido com um paletot preto. Era alumno da escola das minas e foi quem atirou a primeira bomba á carruagem do imperador. Confessou que no dia 6 de março, recebera ordem n'uma reunião de nihilistas para matar o imperador, que sabia que havia mais incumbidos de igual encargo, mas que não os conhecia. No dia marcado, 13 de março, quando ia para o sitio por onde devia passar o imperador, encontrou uma senhora que apenas conhecia de vista, e que lhe deu uma bomba embrulhada n'um lenço dizendo-lhe que a arremessasse á carruagem do czar. Essa senhora era Sophie Perofskaja.

Risakoff assim fez. Declarou mais que pertencia á secção terroristas da commissão desde o principio d'este anno, que recebia dos nihilistas 30 rubros mensaes, e que organisara muitas commissões de operarios.

TIMOTHEO M-CHALOFF. — Vinte e cinco annos, alto, louro. Camponio, mas de physionomia intelligente, e franca. Foi Jelaboff que o induziu ao nihilismo, que elle abraçou com toda a dedicação e enthusiasmo cego, característico da seita. Declarou ter-se alistado no nihilismo por estar farto de lutar com a miseria. Quando foi executado teve de subir tres vezes á forca, porque das duas primeiras quebrou-se a corda.

HESSEY HELFMANN. — India, de vinte e seis annos, olhos e cabelos negros, morena: representou um papel puramente passivo no attentado de 13 de março. Como já dissemos não foi executada por estar grávida.

KIRAITCHICH. — 27 annos: usava barba toda. Foi quem fabricou as bombas explosivas e a mina da rua da Sadovnia. Confessou ter tomado parte não só no attentado de 13 de março, mas tambem nas tentativas de explosão na linha ferrea da Criméa a S. Petersburgo em 1879. Depois de condemnado á morte, dirigiu ao tribunal supremo um memorial sobre as suas descobertas scientificas, pedindo a patente de invenção e que o producto d'ella fosse applicado a melhorar a sorte dos filhos dos condemnados politicos.

SOPHIE PEROFSKAJA. — 27 annos, baixa, pallida, com cabelos escuros enquadrando uma testa estreita, o muito descoberta. Esquecendo-se dos seus proprios interesses para simplesmente tratar de provar que Hessy tivera um papel insignificante no attentado da rua dos Milhões. Pertencia á alta nobreza, mas fugira muito nova a seus paes, com o nihilista Hartmann, que dirigiu o attentado de Moscow e que depois de ser expulso de França, se refugiou em Inglaterra d'onde passou ha pouco para os Estados Unidos. Foi o seu primeiro amante. Ultimamente vivia sob o nome de Vozinovaya, com um nihilista amigo intimo de Jelaboff.

Declarou ter tomado parte no attentado de Moscow, e

ter dirigido o attentado de 13 de março. Fanatica pela causa do nihilismo nem sequer um momento deu provas de fraqueza no tribunal, e morreu com uma grande coragem e serenidade.

ANDRÉ JELABOFF. — Trinta annos, alto, magro, cabelos castanhos, barba toda, sobrancelhas espessas, olhos pardos muito vivos. Era nihilista de grau superior, membro da commissão suprema, intelligentissimo, e exercendo grande influencia sobre os seus cumplices. Foi elle quem dirigiu o attentado de 13 de março e escolheu Risakoff para atirar a primeira bomba. Preso dois dias antes do attentado, substituiu-o na direcção Sophie Perofskaja. Prescindiu de advogado e fallou no tribunal com grande arrogancia, declarando ser o auctor de todos os attentados que se fizeram durante os ultimos annos, contra a vida de Alexandre II.

A VILLA DE QUILIMANE

O rio Zambeze que nasce no coração da Africa Austral, atravessa um vastissimo tracto d'aquelle continente e vem desaguar no canal de Moçambique por nove diversas boccas, que recortam o subdividem aquelle extenso delta.

Se bem que o rio de Quilimane ou dos *bons Signaes*, como lhe chamou Vasco da Gama, tem um regimen hydrographico independente do do Zambeze, é certo que no tempo das chuvas, isto é de janeiro a abril, quando o grande rio engrossa consideravelmente o seu volume, as suas agoas transbordando pelos canaes Quaquá e Mutu, vão da sua margem esquerda lançar-se no rio de Quilimane e alimentar-o em grande parte.

Nessas occasiões pois é o rio de Quilimane, para assim dizer, um verdadeiro braço do Zambeze.

Todo este delta que abrange no litoral uma extensão de umas 80 milhas, começa a ramificar-se pouco abaixo da villa de Sena, e é por conseguinte sujeito em grande parte ás inundações periodicas que lhe dão a sua espantosa fertilidade.

De todas as boccas do Zambeze, a que mais directamente e com maior commodidade conduz em todo o tempo ao grande rio, é a do Inhamitengo; mas a que tem melhor barra é a de Quilimane.

No reinado de D. Manuel erigiu Vasco da Gama em 1498 o padroão de S. Rafael na ponta Norte do rio a que chamou dos Bons Signaes, e mais tarde levantou-se umas cinco leguas a montante da barra, e na parte concava de uma curva que alli faz o rio, a povoação de Quilimane que em 1763 foi erigida em villa.

A villa de Quilimane como hoje se apresenta, é a mais formosa de todas as povoações da provincia de Moçambique. É a sede do governo do Districto do seu nome que no litoral se estende desde o rio Quizungo ao Norte até á bahia de Massanzane ao Sul; é cabeça de uma comarca que comprehende o districto de Jete, e é o centro de um opulento commercio que para aquellos sertões d'alli irradia activissimo.

A facilidade relativa das vias de communicação naturaes que offerecem os regimens hydrographicos da bacia do Zambeze em todo o seu percurso, o da do Chire seu afluente que nasce do lago *Nhanja* ou *Nyassa* como é vulgarmente chamado, permitiram que desde os antigos tempos a nossa influencia, representada pela espada e pela cruz, e seguida de perto pelo commercio, se estendesse rapidamente pela Zambesia acima até aos reinos do Monomotapa do Quiteve e do Chingamira. E apesar de ter decado consideravelmente o nosso dominio politico no interior, por causas complexas e diversas que não vem para aqui referir-se, é certo que é ainda em Quilimane que se faz com os paizes do sertão o mais importante commercio de toda a Provincia.

A villa de Quilimane assenta graciosamente n'um terreno baixo e apulado, de uma prodigiosa fertilidade, embelezado por frondosos arvoredos, e esmaltado de magnificas e confortaveis residencias. Cada edificio é levantado sobre um sóco de uns dois metros acima do solo para o preservar da humidade, e isolado dos outros pelos jardins e palmeiras que o cercam, e que lhes dão uma certa independencia relativa encantadora.

Este systema das edificações traz necessariamente como consequencia a enorme dissiminação d'ellas por uma vasta area que não tem menos de 1500 metros de nascente a poente e uns 800 de norte a Sul.

As ruas são directas, marginadas por lindissimas acacias, mangueiras, e outras arvores de sombra e contornadas por um friso de quizupa na frente dos jardins, que lhes dá um alinhô e uma correcção que sem isso não teriam. Em alguns d'esses jardins ostentão-se milhares de rosas, e outras flores; e varias arvores exóticas, taes como a papa vermelha da India os eucalyptos, etc. As laranjeiras crescem vigorosissimas por toda a parte, e dão fructos de um precioso sabor.

Os principaes edificios publicos de Quilimane são: a residencia do governador, as repartições publicas, a alfandega, o hospital, o quartel da tropa, e os paços do Concelho onde se comprehende o tribunal, a cadeia civil, e uma escola.

Quilimane é justamente considerado como o celeiro da Provincia e é abundantissimo em todos os cereaes da melhor qualidade, e nas melhores hortaliças que se podem apeteer.

Além d'isso, e como é o entreposto do commercio do interior, alimenta uma importante navegação fluvial em embarcações de um só pau chamadas coches e almadias, e em lanchas; e uma consideravel navegação maritima com os muitos navios de alto bordo que concorrem ao seu porto. O mais apreciavel atractivo d'aquelle delicioso paiz, é a bizarra e franca hospitalidade dos seus amaveis habitantes.

AUGUSTO DE CASTILHO.

VIAGENS

DOS SRs.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

(Conclusão)

Capello e Ivens começaram então, por isso a fallar de Roma ao cosinheiro que levavam na expedição, um preto chamado Capuleca, grande poltrão que os ouvia com expressão inintelligente, roendo, inquietamente, um bocado de raiz de mandioca.

De repente porém a gente do acampamento portuguez, assustada, começou a olhar para o horisonte, correndo em seguida ás armas. E, com effeito, os Mohungos, aproximando-se com os seus gritos e gestos desordenados, cercavam-nos de novo por surpresa.

Então o chefe declarou que os portuguezes não passariam além sem lhe pagarem 20 peças de riscado, sob pena de não encontrarem mais de que se alimentassem no caminho. E, como os Exploradores recusassem, continuando a sua marcha para a frente, os Mohungos, sem nunca os perderem agora de vista, continuaram tambem a cercal-os, distribuidos em grandes magotes, caminhando na rectaguarda e nos flancos da pequena columna portugueza reciosa e precavida.

Emfim, já perto da noite, avistaram uma Sanzala. E, como se aproximassem d'ella perceberam com espanto que estava habitada:

Um velho saiu de dentro de uma cabana e aproximou-se curiosamente.

Era o chefe da povoação. Os portuguezes explicaram-lhe o caso em letigio:

Os Mohungos continuavam a exigir o pagamento das 20 peças de riscado.

O velho ouviu attentamente e respondeu:

— Não tem duvida. Eu vou decidir tudo.

E, com effeito, virando-se para os Mohungos, começou, com uma grande violencia de gestos e de epithetos, a fallar-lhes.

Penetrados de surpresa e gratidão os Exploradores portuguezes, olhando com sympathia o velho chefe que lhes defendia os interesses, fizeram-n'o sentar para que commodamente pudesse continuar a interessante discussão.

Assim se constituia um verdadeiro tribunal.

Capello e Ivens, por via do interprete, allegavam d'um lado em sua defeza; do outro os Mohungos faziam valer os seus direitos. O velho chefe da Sanzala proxima ouvia como juiz.

A noite entretanto cahia.

Os Mohungos inquietos queriam retirar-se antes que a escuridão fosse completa.

O velho arbitro comprehendendo-o começou a propôr diminuição no numero de peças exigido e conseguiu reduzi-lo a 10.

— Pagamos já ás 10 peças. Disseram os portuguezes.

Abriu-se logo um fardo e entregou-se a fazenda aos Mohungos que partiram rapidamente, olhando desconfiados em volta, nas trevas da noite que já cobriam o horisonte de leste.

Capello e Ivens consideravam entretanto, cheios de gratidão o bom velho que decidira a contenda quando este, erguendo se, e estendendo sobre o fardo de riscado uma das mãos aduncas exclamou:

— Das 20 peças que queriam os Mohungos levaram elles só 10: Agora as outras 10 quero-as eu.

XII

A propria bagagem, os proprios confortos e alimentos que haviam levado da Europa foram, muitas vezes, para os Exploradores, um embaraço.

A leste do Quanza Capello e Ivens reconheceram que precisavam desembaraçar-se da grande quantidade de conservas alimenticias

que levavam, cuidadosamente preparadas em latas.

Eram caixas, fardos enormes e pesados, proficientemente preparados na Confeitaria Ultramarina de Lisboa, em que nenhum preto carregador queria pegar.

Por isso, durante quatro dias, Capello, Ivens, e os homens da caravana, comeram sem quasi parar, como quem faz de empreitada um trabalho urgente, todas as farinhas, em que se distinguia a tapioca e o chocolate, e todas as conservas em que predominavam as ervilhas e o feijão carrapato.

D'ahi por diante tiveram por vezes fome, mas nunca mais puderam ouvir fallar, sem enjôo, em ervilhas e em feijão carrapato. E iam ao menos leves de fardos e embarcações.

Os livros das notáveis viagens de Serpa Pinto e de Capello e Ivens estão prestes a ser entregues ao publico.

Ahi encontrarão os leitores desenvolvida, viva e completa, a narração que aquelles tres heroes fazem das suas extraordinarias explorações. O OCCIDENTE pode ter a rara felicidade de annunciar primeiro que ninguem, nas suas circumstancias mais caracteristicas, a obra que representa o renascimento d'um lado importante e fecundo do antigo espirito portuguez.

Leiam-se os quatro volumes que vão por dias sair dos prelos portuguezes e inglezes, observem-se os mappas e, n'elles, as distancias enormes percorridas pelos viajantes; estudem-se as interessantissimas regiões que os itinerarios atravessam e vêr-se-ha que a obra de Serpa Pinto, Hermenegildo Capello e Roberto Ivens é uma das mais notáveis que no seu genero se tem feito no mundo moderno.

Terminemos por dizer bem alto ao paiz e ao mundo, que ainda não houve governo portuguez que desse a esses tres homens, nem a confirmação dos seus direitos como militares, nem o dinheiro, — nem sequer o miseravel dinheiro que se lhes deve.

De recompensa não fallamos.

A recompensa de Serpa Pinto, de Hermenegildo Capello e de Roberto Ivens está na gloria dos seus trabalhos, e ainda no contraste que faz a grandeza d'esses trabalhos com a pequenez dos ministros que os esquecem, e que intrigam, declamam e todos os dias mais se insignificantisam nos ministerios do Terreiro do Paço, entre os seus eleitores, avidos ou machinaes, ou no parlamento, cheio de microscopias vaidades e de microscopicas ambições, em quanto elles, em Africa, estudam, trabalham, luctam, soffrem e arriscam com coragem as suas vidas pela sciencia e pela patria.

ALBERTO DE CERVAES.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Tomou primeiro a palavra o sr. Mortillet que fez a historia dos trabalhos do sr. Carlos Ribeiro, e das suas communicações ao Congresso de Bruxellas, e ao das sciencias anthropologicas por occasião da exposição de Paris de 1878, como já referimos n'um dos nossos primeiros artigos.

Referindo-se aos sillex e quartzites apresentados pelo sr. Carlos Ribeiro na galeria das sciencias anthropologicas d'aquella exposição, disse o sr. Mortillet que havendo examinado com todo o cuidado aquellas peças, reconheceu em 22, provas indubitaveis de trabalho intencional, sendo do mesmo parecer todos os paleoethnologos a quem os fizera mostrar.

Esta opinião concordava com a que Franks havia emitido, como dissemos. Acrescentou Mortillet que o trabalho intencional estava perfeitamente documentado n'aquelles sillex e quartzites, não só pelo seu feitio, o que aliás pôde enganar, mas principalmente pelos planos de percussão muito claros e conchoides desenvolvevidissimos. Algumas vezes são duplos até, sendo concavos n'uma das faces e convexos na outra, o que é concludente. São cortados em grandes lascas, sem retoques, e alguns apresentam ain da quer na parte liza, quer no óeco dos concho-

des vestigios de gras, o que prova terem persistido nos jazigos das camadas d'elle. Ora estas camadas intercaladas com argilas e calcareos, constituem no valle do Tejo uma vasta formação, que em alguns pontos atinge 400 metros de possança, e apresenta todos os caracteres de um terreno terciario.

Os membros do Congresso puderam verificar por si mesmos, na sua excursão a Otta, a verdade das conclusões do sr. Carlos Ribeiro.

Viram-se esses terrenos no meio de uma formação de agua doce pujante e extensa, reconhecendo nella uma grande hucia lacustre saibro-argilosa no centro, e saibro-pedregosa nas extremidades. O ser intelligente que tallava os sillex, só podia deixar os vestigios da sua industria nas margens do lago, e por isso as pesquisas foram feitas n'esses pontos, tendo sido coroadas do melhor resultado.

O sr. Bellucci, o habil explorador da Ombría, encontrou um sillex na camada, e, segundo o disposto previamente, procedeu á sua extracção na presença de outros collegas, que chamou para esse fim. O sillex estava de tal maneira adherente á rocha que foi necessario empregar a acção do martello para o separar d'ella, mostrando pelas circumstancias da sua posição, que esta datava da época da formação do deposito. Esta prova era decisiva.

Restava por tanto determinar a época do jazigo. Os sillex tallados apparecem proximo ás margens, o que não succede aos restos vegetaes e animaes, que fluctuando sobre a agua eram naturalmente impellidos para o meio do lago, acabando por se depositarem no seio da areia e do lodo, e foram os lodos que principalmente conservaram os fósseis; justamente n'uma camada saibro-lodosa, a 3 kilometros a sueste do Monte Redondo, e pertencente indubitavelmente ao lago se encontraram depositados ossos e até maxillas do *Hipporion*, animal terciario. O estudo da flora e fauna das camadas d'este grande lago feito pelos srs. Heer e Alberto Gaudry mostram que o lago pertence ao mioceno superior.

Logo os esforços e pesquisas praticadas do sr. Carlos Ribeiro levam-nos a constatar que na época do mioceno superior existia um ser intelligente que tallava os sillex, da mesma maneira que o homem quaternario.

O sr. Evans disse que havia provavelmente nas camadas terciarias algumas lascas apresentando bolbos de percussão, que tambem havia á superficie sillex pertencendo ás épocas paleolithica e neolithica, mas em todo o caso posteriores á época das camadas. Mas os sillex d'este genero havendo permanecido tanto tempo á superficie do solo, por que não tomaram coloração pelo contacto do gres vermelho, impregnados pela areia e argila? Os vestigios superficiaes que apresentam, desaparecem pela lavagem.

Que se pôde dizer dos sillex apresentados? Ha dez annos que se recolhem, mas não se sabe positivamente de que ponto proveem, e de que altura na respectiva camada?

De mais elles não apresentam signaes de haverem sido empregados ou utilizados. São talvez lascas, refugo de fabricacão; mas em tal caso onde estão os instrumentos? Julga, portanto, que esses sillex não são todos das bordas do lago.

Quanto á questão geologica, seria uma impertinencia querer contestar as exactas conclusões dos geologos do paiz; não lhe parecia porém exacto o corte traçado pelo sr. Mortillet.

Disse que na localidade observava um grande planalto; da pedreira onde se encontraram os restos da fauna pôde-se julgar da altura relativa das camadas, podendo por isso perguntar-se como uma desnudação puramente agria poderia produzir semelhante resultado. E' necessario fazer intervir na acção as correntes marinhas e de agua doce, e então pôde-se naturalmente encontrar nas camadas superficiaes vestigios das épocas em que a desnudação do planalto se operou.

Quantos milhaes de seculos decorreram desde esse tempo? o homem devia então ser necessariamente muito differente do que é hoje. Para aceitar-mos a sua existencia no tempo terciario são necessarias outras provas que não um simples bolbo de percussão.

O sr. Capellini disse que julga os sillex tallados; e que se assim se não julgasse era necessario duvidar de todos os sillex da idade da pedra, o que elle dizia pelo pequeno S. Thomaz que falara.

Mas então donde proveem os sillex? sente que se não tenham aberto trincheiras, mas assegura que viu no jazigo o sillex encontrado pelo sr. Bellucci, o que lhe basta, para o seu convencimento.

A questão geologica não é discutivel, todos os caracteres demonstram que a camada pertence ao mioceno superior.

Depois o sr. Capellini continuou aproximando estes factos, e estas duvidas do que se passa com os seus descobrimentos feitos na Italia com relação ao assumpto, e de que já demos conta.

Logo o sr. Villanova disse que se o sr. Capellini tinha chamado ao sr. Evans um pequeno S. Thomaz, elle então era um grande S. Thomaz, por isso que a sua primeira impressão tinha sido que o gres era quaternario. Disse que no valle do Guadalquivir e em outros sitios de Hespanha havia terrenos do mesmo aspecto que eram quaternarios; não obstante isso duvida do que elle proprio viu e subscreeve á opinião dos geologos portuguezes. Declarou que as peças todas eram da superficie, e que fora necessario praticar um corte onde existem as camadas fossilíferas, e chegar ao conglomerado e ahi encontrar então os sillex.

Algumas vezes disseram que era isso o que se tinha feito e que existia o corte: No pouco que disse pareceram bastante vagas as asserções do illustre hespanhol, e pouco consistentes as suas opiniões a tal respeito.

O sr. Cartailhac disse então que não era das cousas mais faciles exprimir a sua opinião sobre um conjunto de factos que o sr. Carlos Ribeiro, e os mais geologos portuguezes estudavam havia tantos annos. Nós apenas entrevimos, acrescentou o illustre redactor dos *Materialaux*

pour l'histoire primitive de l'homme, passámos, e agora é mister concluir.

Tendo muitas vezes percorrido os terrenos onde se encontram os sillex em jazigo e mais ou menos fracturados, nunca encontrou nenhum bolbo de percussão com o complexo dos caracteres descriptos pelo sr. Mortillet, ou pelo sr. Evans nas suas obras, e que se reputam como prova da acção intencional, intelligente, humana. Admittindo porém que por um grande acaso um choquo natural, em circumstancias aliás rarissimas, tenha podido produzir um bolbo de percussão em um sillex, seria grande milagre que a mesma peça viesse a soffrer a mesma operação natural segunda vez. Elle porém não acreditava n'isso.

(Continúa.)

R.

MIGUEL ANGELO DE SANTO THYRSO

(Continuação)

Antonio do Bacello averiguou tudo. Não teve animo de exprobar á infeliz Maria da Piedade o escandaloso procedimento. Calou bem no fundo da sua alma aquella dolorosa impressão; mas na parte que dizia respeito ao abbade, jurou vingar-se de todos os modos.

Romper com o padre abruptamente, exigindo-lhe banaes explicações, dando toda a publicidade ao seu proceder, fazendo d'elle uma accusação formal ao sr. arcebispo de Braga, não lhe parecia remedio muito efficaaz.

O padre Matheus tinha boas protecções, contava amigos no Paço Episcopal; e tudo era obstaculo de encontro ao qual se iriam quebrar os seus odios implacaveis.

Quem soffreria mais com isso era a irmã.

Pensou melhor, meditou longas e crucis horas na vingança; e, n'um rapto de genio, o odio suggeriu-lhe uma idéa magnifica!

Saltou radiante a casa do Thomé. Caminhava a largos passos, com o chapéo na mão, os braços bambaleantes, e ia rugindo:

— Pilhei-te! Ah! Padre Matheus! Pilhei-te, maroto!

Entrou em casa do amigo, e pediu-lhe de afogadilho:

— Ó Thomé, has de ir amanhã á cidade, para me comprar tintas e pinceis. Eu te darei uma relação das côres que preciso.

D'ali dirigiu-se a casa do brasileiro Seabra, que morava no caminho da igreja. O portão da quinta estava aberto. Antonio do Bacello atravessou o terreiro saibrado, metteno ao lado por onde havia uma rua estreita, com ramada. Caminhou lentamente sobre o matto fôfo que alastrava o chão; e, como não topasse ninguem nas lojas da casa onde se arrecadavam os utensilios da lavoura, saiu para um eirado espaçoso, bem ligeado. A um canto, estava o sr. Seabra brasileiro, todo repimpado n'uma cadeira de vime, com a cabeça reclinada no espaldar, a bocca aberta, as mãos cruzadas sobre a barbiga proeminente, a roncar.

Ao aproximar-se o pintor, o Seabra acordou de sobresalto, e levantou-se estremunhado.

— Muito boas tardes, sr. Seabra — disse o pintor reverente.

— Ora viva, amigo — respondeu o brasileiro, estirando tremulo ambos os braços, e espreguiçando-se com grandes bocejos — então que temos?

— Eu vinha aqui pedir um favor a v. s.^a

— Sim? — disse o Seabra, abrindo muito os olhos, e attentando na cara do desconhecido importuno — Não sendo dinheiro, diga lá o que quer.

Antonio do Bacello respondeu então que desejava pintar de novo o nicho das almas de Santa Catharina, que havia no cunhal do muro da quinta.

— E por quanto faz você a obra, mestre?

— Eu não quero que v. s.^a me pague, sr. Seabra. Eu sou pintor. Cheguei ha pouco de Pernambuco, para onde volto em breve. Mas, antes de partir, desejava deixar renovado aquelle painel; porque eu tive sempre muita devoção com aquellas alminhas.

O brasileiro, ouvida a explicação, meditou um instante, alongando o beiço inferior, e concluiu:

— Pois faça lá isso, mestre. Se é uma questão de devoção, como vejo, as alminhas que lh'o agradeçam. Eu por mim, já declaro, acho tudo muito bem, não me custando o meu dinheiro. Não é pouco o que por lá tenho pelas igrejas. Só um sino que veio do Porto ficou-me por quarenta moedas; percebe-me?

Antonio do Bacello saiu satisfeito.

Passados cinco dias fazia-se ali perto a grande romaria do Senhor d'Angustia. Os devotos tinham de passar pelo atalho que havia ao longo da quinta do brasileiro. O criado do abbade ia tambem á romaria. Já de vespera tinha pedido licença ao amo, á noite, na occasião em que lhe descalçava as botas, á porta do quarto.

— Pois vae — respondeu-lhe o abbade, am-

parado á hobreira, com o pé estendido entre as mãos do criado — Pois vae; mas se me entras bebado em casa, desanco-te o costado com um foiceiro.

Quando o rapaz ia a chegar á porta da quinta, viu muita gente parada em frente das alminhas.

O Thomé, que lá estava, apenas o avistou, retirou-se um pouco do grupo, e chamou em voz alta, a sorrir:

— Ó João, anda cá tu a vêr se o conheces.

Aproximou-se o moço do abbade, examinou com a bocca aberta a pintura nova do nicho, e exclamou, olhando em roda:

— Ó rapazes, ali está o meu amo!

Rompeu tudo n'uma grande gargalhada.

O lorpa, vendo todos a rir, desatou a rir tambem, e a dizer:

— Não que é mesmo! Só lhe falta fallar!

D'ali seguiu tudo para a romaria.

O rapaz não se atreveu a dizer nada ao abbade; mas alguns amigos foram ter com elle, e contaram-lhe tudo.

(Continua)

ALBERTO BRAGA.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os LUSTADAS, edição de Emilio Biel, Porto. — Estão publicados os fasciculos 17.º, 18.º e 19.º d'esta formosa edição. O fasciculo 17.º é adornado de uma gravura



N. Risakoff G. Michailoff Hesy Helfmann Kibaichich Sophie Perofkaja N. Jelaboff

OS NIHILISTAS ASSASSINOS DO CZAR ALEXANDRE II (Segundo um desenho feito no tribunal)

em aço, illustrativa da estancia 28 do canto vi; o fasciculo 18.º reproduz em phototypia a estampa, *Venus aplaca a procella*, da edição do Morgado de Mathews; e o fasciculo 19.º traz o frontespicio do canto v em uma bella cromotypographia.

O CANTO DE CYRNE, poesia de D. Maria do Carmo Sena d'Andrade, natural de Silveiras, provincia de S. Paulo, Rio de Janeiro, typ. Carioca, 143, rua Theophilo Ottoni, 147. — 1880 — 80 pag., com o retrato da auctora. Canto do cysno, costuma desde a alta antiguidade chamar-se aos derradeiros sons da lyra de qualquer bardo, e não ao primeiro dedilhar da harpa na primavera da vida. Melhor chamaríamos estes versos — cantos de andorinha —, embora, nem uma nem outra ave cantem verdadeiramente. Como fructo de um talento que alvorece accitam-se com gratidão os versos da gentil poetisa, embora o seu metro pouco correcto, a sua linguagem ainda debil, os seus defectos de rima, a desigualdade da inspiração e até (perdoe-nos) uma ou outra puerilidade, nos faça ver que nada perderia o crelito da auctora se os demorasse mais algum tempo na sua gaveta. Poderíamos citar muitos versos lindos a par de outros que o não são. Aconselhamos-lhe estudo tempo e linha para poder ser melhor apreciada.

QUESTÕES INDIANAS — I — AS GAUCARIAS DE GÓA — Estudos de Christovam Pinto — I — Nova Góa, 1880 — 8.º francz de IV — 88 paginas. — Como diz seu auctor é este o primeiro fasciculo de uma serie de estudos sobre varios que reclamam ou prendem a attenção do espirito geral da sua terra.

N'ello se estuda a historia das gaucarias ou communi-dades agricolas em todas as suas phases e transformações porque tem passado, se expõe a influencia de novas disposições legislativas sobre este assumpto, e se aventam algumas idéas sobre o seu futuro, melhora-mento e reforma.

E muito louvavel o auctor por applicar a sua intelligencia e conhecimentos ao que interessa principalmente á sua terra; parece-nos porém que ha uma certa confusão na sua exposição, e algumas vezes falta de traducção de algumas palavras de origem indiana, que a

maior parte da gente não entende, e o auctor do certo que ser entendido pelo maior numero.

Parece nos que o auctor devia usar de um methodo mais rigoroso na deducção do seu trabalho, dizendo-nos primeiro o que eram as gaucarias, seus fins, meios e constituição, em seguida sua origem, phases da sua transformação ou melhoramento antes e depois da conquista dos portuguezes; depois as medidas legislativas promulgadas por estes e sua influencia no progresso d'estas communi-dades, sem reflexões, sem considerações que deviam ser reservadas para o ultimo ou ultimos artigos em que o auctor explanaria as suas idéas sobre o passado, presente e futuro de aquellas communi-dades.

Estamos persuadidos que transformando-se no sentido de algumas associações agricolas da Suissa e França e de outros paizes podiam ser muito uteis ao progresso da sua patria.

Apesar dos defectos de methodo que nos parece prejudicarem um tanto a clareza do assumpto, é importante e interessante o estudo do ar. Christovam Pinto.

NOTICIA HISTORICA E DESCRIPTIVA DA SÉ VELHA DE COIMBRA, (com uma photographia) por Augusto Mendes Simões de Castro, Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra... Coimbra, Imprensa Academica, 1881 — 4.º de 31 pag. — A Sé de Coimbra, um dos monumentos religiosos mais antigos do nosso paiz, pois data do principio da monarchia, é um documento interessante da nossa historia e venerando a todos os respectos.

Durante algum tempo se lhe attribuiu, ainda que disparatadamente, uma antiguidade remotissima, tradição que veio desfazer o estudo do Livro Preto. Um documento d'este livro estudado e extractado pelo finado Rebello da Silva no Panorama de 1853, não só nos dá a data fixa da elevação do templo, mas ainda noticias muito curiosas dos seus architectos, artistas, vencimentos d'estes e de muitas outras circumstancias relativas aos costumes e artes n'aquelle pristino tempo.

O ar. Mendes Simões de Castro descreve o monumento em todas as suas partes, mostra as alterações e dilapidações que tem soffrido, e dá-nos uma idéa perfeita do seu conjuncto e disposições.

Contudo o seu trabalho ainda não é uma monogra-

phia completa, como fora para desejar em assumpto archeologico de tanta importancia.

N'uma nota a pag. 30 com relação a tumulos que ali se encontram diz o auctor: «Além d'aquellas de que já fallámos existem na Sé Velha outras muitas sepulturas notaveis, de que seria longo tratar, etc.» Embora seja longo é importante e interessante dizer-se tudo o que ha ali.

Dando todo o valor ao opusculo do illustre archeologo, sentimos ao mesmo tempo, que com a illustração que possui nos não quizzese dar uma obra completa e que nos dispensasse de mais consultas. E este o voto que fazemos com relação a todos os trabalhos archeologicos.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Olhos que não vêem coração que não penas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA 6, Rua do Thesouro Velho, 6